



A CLÍNICA

(vista por quem passou por ela)

FERDINANDO FREGA

**“Uma clínica cura os pacientes.
Uma comunidade que acolhe ampara as
pessoas.”**

I. A clínica

Lembro-me de minha mãe contando como, nos anos 1960, quando estava prestes a me dar à luz, as clínicas eram poucas e o hospital era para os doentes; por isso ela escolheu o melhor lugar que pôde para fazê-lo: a própria casa, a própria cama.

Assim que nasci, havia uma mulher, aquela a quem chamavam de parteira, e ela disse à minha mãe que eu tinha saído bem — e que, se minha mãe não me quisesse, ela me levaria para casa consigo.

Minha mãe a fulminou com um olhar. Mas talvez a parteira não soubesse que eu jamais pertenceria a uma só mulher, e sim a todas as mulheres que viria a conhecer; e vinte anos depois fui à casa dela. Sou um homem de palavra. Não podia desapontá-la.

Esta abertura não é ironia literária, nem piada. Significa apenas uma coisa: a clínica, enquanto lugar, é nova. Não nos vem dos egípcios, nem dos assírios ou dos babilônios. É apenas o produto de um sistema de saúde que fez da patologia um comércio e dos seus remédios uma marca.

Nunca pretendeu substituir os hospitais, que continuam sendo uma instituição; e no entanto sempre levou o paciente a crer que, pagando, poderia ter mais — o melhor.

Alguns lugares cumprem uma função. Outros se tornam uma possibilidade.

Foi o dia em que se inaugurou a clínica na minha cidade: a primeira do gênero capaz de oferecer uma lista completa, apta a cobrir toda a medicina, ao menos a básica — a medicina das pessoas comuns, por assim dizer.

Foram nomeados três médicos-chefes, aqueles que iriam construir a estrutura médica. Depois de conduzir as entrevistas para contratar os médicos, fecharam-se numa sala para trocar suas opiniões sobre como fazer a seleção.

O que se segue relato não como verdade, mas como noir — contado a mim por um grupo de médicos amigos recém-aposentados do sistema de saúde italiano, que costumavam contá-lo a nós, os da área de vendas, para nos fazer rir, e para nos dar a saber que também eles tinham suas histórias.

Uma história que eu pessoalmente considero uma história de pátio, uma dessas piadas amargas que os próprios médicos costumavam contar sobre outros médicos — uma raça estranha e peculiar, a quem eu não confiaria mais nem os cuidados com o meu gato.

Ponho-a por escrito não como um veredito, mas como retrato de quanta desconfiança as pessoas comuns já haviam acumulado contra uma medicina que já não sentiam como sua.

Contava-se assim. O mais velho dos três — homem que também havia trabalhado sob o antigo regime — disse que explicaria como escolher os novos médicos, pelo que chamava de princípio do número três.

Se você encontrar um médico que entende muito, mande-o para a clínica geral: ali, com a experiência, ele responderá sozinho à maior parte das perguntas.

Se você encontrar os medianos, capazes mas não brilhantes, ponha-os nas salas de cirurgia: assim, quando abrem, veem o que encontram e aprendem a consertar.

E os que entendem pouco, ou que chegam recomendados pelos partidos e pelas listas de colocação, dê-lhes as tarefas em que — assim dizia a piada cruel — se deixa a natureza fazer quase todo o trabalho em seu lugar.

Essa era a versão de pátio, é claro. E como toda história de pátio, ela diz menos sobre os médicos do que sobre os que a contavam: sobre a pouca fé que ainda lhes restava.

E assim nasceu a clínica. A sua verdadeira experiência foi feita pelos pacientes; e só os vivos falaram dela — os que tinham sido afortunados, não os tocados pela desgraça. E quando tudo virou para pior, a clínica do Norte — de qualquer nação — ficou com a melhor parte: porque o Norte sempre evocou riqueza e indústria, e ali pagar pelo cuidado dá a impressão de que ele é melhor.

Depois fecharam-se os manicômios judiciais, e nasceram as clínicas psiquiátricas — mais tarde reconvertidas para as condições neurológicas. Já não se tratavam apenas os loucos declarados, mas também outras patologias.

II. Epílogo

Uma clínica é um edifício. Uma comunidade de cuidado é algo mais.

III. Página do Autor

Esta obra não foi encomendada.

Não foi vendida.

Não foi feita com fins comerciais.

Foi escrita para dar testemunho do valor da reabilitação, da dignidade humana e da relação entre as pessoas.

A única retribuição pedida é um dólar simbólico — não como pagamento pela obra, mas como testemunho de um compromisso partilhado com uma cultura de cuidado, esperança e responsabilidade.